

A DISCUSSÃO

SEMANARIO REGENERADOR

ASSIGNATURA

Assignatura em Ovar, semestre..... 500 réis
Com estampilha 600 *
Fóra do reino accresce o porte do correio.
Pagamento adiantado.
Anunciam-se obras litterarias em troca de dois exemplares

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO—S. MIGUEL

Proprietario e Editor

JOSÉ MARQUES DA SILVA E COSTA

IMPRESA CIVILIZAÇÃO

Rua de Passos Manoel, 211 a 219—Porto

PUBLICAÇÕES

Publicações no corpo do jornal, 60 réis cada linha.
Anuncios e communicados, 50 réis; repetições, 25 réis.
Anuncios permanentes, contracto especial.
25 p. c. de abatimento aos ars. assignantes.
Folha avulsa, 20 réis.

Ovar, 17 de Setembro

OLHANDO O FUTURO!

Alarma-se a população; grandes e pequenos, ricos e pobres movem-se por um programma e por uma ideia. Organisa-se e concentra-se por toda a parte um plano de combate, e, em todos os paizes ha pensamentos collectivos de movimento franco, de defeza, de conquista de direitos e de reacção nua, suggestiva, provocadora, aggressiva, indício bem caracterizado de lucta em todos os assumptos e de ardor nos prelios pela existencia. Na fortificação e armamento geral das potencias europeias, se vê o lábaro, por que se bate no silencio premeditativo o governo geral ou nacional de cada povo. Parecem facto sancionado á conquista a posse e o dominio do territorio, onde a luz civilisadora ainda não raiou com o brilho que dá força e preponderancia ás grandes nações. As visitas officiaes dos monarchas, ultimamente feitas, no meio dos maiores enthusiasmos e aclamações populares, as conferencias reservadas entre os primeiros «magnates» de diversas nações, as recepções estrondosas com que são recebidos esses magistrados forasteiros, tudo nos convence, tudo nos induz a crêr, tudo nos auctorisa a desconfiar, e com razão, que as nações labutam activamente, conscientemente, sob a impressão de uma ideia geral, unica, que só o tempo poderá brevemente explanar.

A sangrenta e covarde tragedia que se manifestou na Servia, com o apoio das nações civilisadas (miseravel humanidade) e que impolgou violentamente o coração de todos os que possuem um coração; os acontecimentos vis e miseraveis da velha Turquia, que mantem no *Mappa-Mundi*—apoiada exclusivamente na força, que lhe vem do esteio gerado no seio da uzura ou ambição internacional; as intimações da Russia e da Allemanha em ampla recepção diplomatica levada ao Sultão de Constantinopla; os compromissos

lavrados entre o rei Eduardo VII e o Imperador Francisco José sobre a situação dos Balkans; tudo indica que para a grande batalha campal que dar-se-ha em tempo não remoto, as maiores nações tomam posição e ajustam o seu pedaço ou quinhão na futura partilha. E enquanto se vende préviamente a pelle das pequenas nações, sonda-se tambem do avassallamento das possessões ultramarinas.

A França já foi a Roma beijar o anel ao Papa, e a França é Loubet, esse inimigo espectacular do clero e principalmente do pontifice romano, que recebeu muito bem o iracundo francez. Parece que não longe veremos o clero francez declarar-se republicano-jacobino e assim cessar o receio, que affectava o elemento religioso, e morrer a desconfiança, lançada aos padres catholicos, que eram suspeitados de minar os alicerces da Republica; mas... em troca, n'este aperto brusco e logico, selvatico e philosophico, natural e sociologico—a França ajudará o «Vaticano» na reivindicação dos Estados pontificios, ambição suprema do pontifice romano?

Pobre Italia!... E porque exige o pastor das ovelhas de Jesus o poder temporal?—Proximo ás portas de Cesaréa não disse Christo a S. Pedro: «tibi dabo claves regni celorum»? E, quando em Nazareth appareceu á formosa e immaculada Virgem Maria, descendente de David, o anjo Gabriel annunciando-lhe que a virtude do Altissimo a cobriria com a sua sombra, não disse que ella conceberia um filho cujo nome seria Jesus, que este seria grande e se chamaria filho do Altissimo, acrescentando conforme nos refere S. Lucas: «et regni ejus non irit finis»?

Como pretende o successor do martyr do Calvario a corôa mundana do rei de Roma? Grande, muito grande é o reino de Deus, que é o reino dos céos e esse não tem fim.

Mas voltemos ao ponto de partida.

Caminha tudo para a lucta; o pharol é a ambição, o meio é a deslealdade, a traição, a violencia; o fim é a usurpação, o abu-

so, a dominação pela força por todas as fórmulas baixas, ridiculas, comicas que no momento forem precisas para vestir o acto de conquista, o assalto ao direito ou a ordem de posse. Tudo se prepara para uma lucta geral, grande, demorada e desigual. Pensamos mesmo que não está longe o dia bellico d'este desequilibrio da paz universal, e então a transformação nos horizontes internacionais será completa. Mas!... perguntamos: As grandes potencias absorverão as pequenas ou fraccionar-se-hão em muitas de menor prestigio do que estas?

A historia ahí está; além d'isto a tendencia natural e principalmente dos tempos correntes é da divisão das forças.

A liberdade repelle a união; quer a divisão porque, enquanto a unidade das coisas impõe obediencia e passividade, a multiplicação estimula a vida: em regra a manutenção *in solidum mata*, a partilha em renovos multiplica a vida.

Peixe Sobrinho.

Carta aberta á redacção do semanario «A Discussão»

Snr. Redactor:

Houve por bem um meu patricio—entre um reclamo guloso ao nosso excelente pão de ló, e umas divagações sobre a historia litteraria da nossa terra,—fazer a critica do meu livro de versos *Dôr*; livro que para o outono as montras dos livreiros embalde exhibirão á curiosidade dos poucos, que n'este paiz de analfabetos, se interessam por novidades de livraria.

E porque n'essa critica leviandades e erros se escreveram, ora oportuno o semanario que tão proficientemente redige com umas breves, serenas considerações que necessarias entendo; deixando em claro a mór parte da critica, não porque a ela me conforme; mas porque não ha n'ela coisa que lezando, esclarecimentos exija.

Mansamente, como em palestra amiga, conceda o sabio julgador do meu livro o refutar-lhe algumas affirmações e ilações impensadas; creio, porém, que sinceras.

E é justamente pela sinceridade d'essa critica, e em abono da verdade, que, palestrando como amigos, amigavelmente me proponho esclarecer.

Ahi se diz—na critica—em geitos de prologomeno e como motivo intrinseco do que subsequentemente se lê: «Não encontrará adulações porque não podem elas associar-se aos conselhos aproveitaveis que ahí vão» e eu, que de todo o sempre detestei a adulação advertidamente folguei de que vóz reflexionada e em justa orientação viesse esclarecer-me, guar meus poucos anos, minha inexperiencia, e meu apoucado saber. Sim,—advertidamente folguei com tão judicioso reparo... Mas logo após, pasmado lê: «*Dôr* é o primeiro livro de um principiante, de um rapaz que tem a preocupação da *dôr* que não sente» e tal maravilha sobre ofensiva e leviana é absolutamente desnuda de senso comum, de rigorosa logica, e de verdade.

A *dôr* que o poeta exalta e canta, a *dôr* que o preocupa, a *dôr* sagrada e inabordable; ou a *dôr* ridicula e despropositada, a extranhos olhos, é sempre bem real, e d'essa realidade pungitiva oriundas a ideação e o sentimento foram,—e o poeta realmente a sente; e realmente a sofre.

Isso mesmo contradizendo-se exar o critico ao concluir que:

«N'estas condições o seu livro deve ser um repositório de manifestações metrificadas dos seus estados de alma. E é-o.»

«Ha no livro, diz, hesitações grandes, preocupações de novo, cuidados exagerados»—pois nada disso a vista conscienciosa e atenta encontrará; com melhor olho sua ex.^a constataria que todas essas afirmativas sem base são outros tantos elmos de Manbrino do illustre e tresloucado campeão Manchego.

Nem vós de aguia, nem trinado de rouxinol; sua ex.^a confundiu; são de pardal os vós, e os garganteados de rã.

A factura e a trama do livro, cuja singeleza se adivinha sem custo, fazem d'ele uma banalidade, decerto; uma ingenua contestura urdida com a mesma ignorancia de processos e o mesmo descuido dos Romanceros provenções da idade media,—uma coisa assim a modos de fazer riso aos sabios d'agora, porem determinadamente eu o quiz assim, e o irei aguentando dos tropogalhos de uma critica que sendo sincera pena é que não fosse verdadeira... «Preocupação (!) de citações fabulistas, e talvez um pouco de preocupação (!) na escolha das leituras» mas que vem fazer esta tirada—perguntarei?...

Será possivel que isto se escreva com visos de seriedade e doutorice, e antes se afirmem bons intentos muito de gabar, e muito de agradecer?... «Será isto, no Saint Beuve de Ovar, aquella lamentavel preguiça cerebral de que tão enfermiços an-

dam n'esta quadra de praias e jogatina—tantissimos rectos juizos?! Que desgraçado caso, snr. redactor, a influencia emoliente e corrosiva das caniculas na sinceridade, na clarevidencia, e na rectidão do escrito!

Emfim, como derradeiro conselho, diz-se-me que não me preocupe com a forma dos outros como na poesia Benções—aliaz a meu opinioso vê uma das melhores do volume, poesia que, a uma das maiores entre as maiores mentalidades da patria portugueza, motivou palavras de aplauso e de incitamento, palavras que eu bem quero e sinto não bem merecer. Não: nada na critica de Pobb toldou a complacencia que uso systematica para evitar sensorias, senão esta ultima, grave, e erradissima apreciação.

A Cesar o que de Cesar é; — e mais respeito pela alheia propriedade, eis o que, á falta de senso critico, todos os que joeiram e apreciam uma obra deveriam ter como primario e imprescritivel, cuidadoso dever.

Terminando, e concluindo; dois topicos defenidos, de toda a marturada que Pobb a meu respeito escreveu, duas coisas nitidamente escritas, leio; e é a 1.ª que o valor do meu livro nulo não é, e isso de per si se esclarece—nulo só o que não existe; é a 2.ª, que infelizmente falta comprovar documentando-a, que eu sou simpatico ao meio onde nado e creado fui.

Se possivel fosse, snr. redactor, pois suspeito que tal agradável hypothese assim o seja tão somente;—se possivel fosse um plebiscito em que, snr. redactor, os votos fossem conscienciosos e liberrimos, e onde o pleito da simpatia ou antipatia por mim se dermissem lucidamente, isso sim, era honrado proceder; e solemne, publica, e irrevogavel maneira de resolver o problema.

Mas isso posto sem o veredictum dos que o poderiam impor é axiomático em demasia para que, como evidente, eu o reconheça.

Emfim—que cada vez mais me alongo em explanações e considerandos;—finalizando eu agradeço ao critico amavel as esperanças que em mim jubiloso, anteendo, constata; lamentando que a ser venha para sua ex.ª a mais cabal e triste decepção; e desculpa lhe peço da massuda e impertinente resposta—a que me obrigaram unicamente o respeito pela verdade e a veneração pela intelligencia.

E snr. redactor muito grato pela publicação d'esta assigna-se o

De v. s.ª ad.ªr. colega e v.ªr.
Antonio Valente.

16-9-904.

NOTICIARIO

S. Miguel

Com desusada pompa, realisa-se no proximo sabbado e domingo, 24 e 25 do corrente, na sua capellinha, a festividade em honra do Archanjo S. Miguel, a qual é abrilhantada com o concurso da afamada philarmonica da Vista Alegre e da *Ovarense* d'esta villa.

No sabbado ha arraial nocturno em que será feita uma magnica illuminação d'acetylene e queimada grande quantidade de fogo d'artificio, e no domingo, missa cantada a grande instrumental, sermão e procissão, havendo de tarde arraial.

Attento o luzimento com que é feita esta festa, é d'esperar que ao aprazivel largo de S. Miguel con-

corra grande numero de romeiros.

—Devido aos esforços d'uma comissão composta dos snrs. Padre Francisco Marques da Silva, Apolinario José da Silva Lopes, José Marques da Silva e Costa, Miguel Pereira da Fonseca Lopes e Antonio José da Silva, que para tal fim abriram uma subscrição, está sendo reformada exteriormente e coberta a telha franceza a capella de S. Miguel, em virtude do cofre da junta de parochia não permittir á sua custa, a realisação d'esta obra que era de urgente necessidade.

Será tambem substituida por outra mais elegante a cruz collocada no cimo da fachada da capella.

Os trabalhos proseguem com actividade, afim de se concluir a obra antes da respectiva festa.

A mesma comissão tenciona mais tarde reformar interiormente a referida capella.

—Hoje na visinha freguezia de Vallega, tambem tem logar a festividade do Archanjo S. Miguel, á qual assistem as duas bandas d'esta villa *Ovarense* e *Boa-União*.

Agostinho Meneres

Segue hoje para Lisboa, afim de tomar o paquete *D. Maria* que d'alli levantará ferro no proximo dia 21, o nosso particular amigo e arrojado industrial Commendador Agostinho da Fonseca Meneres, o qual na qualidade de socio viajante da fabrica de conservas alimenticias *A Varina*, vae percorrer diversas cidades do Brazil e das republicas do Paraguay, Uruguay, Argentina, Chile, etc., em cujo trajecto conta demorar-se cerca de dezoito mezes.

Como testemunho de consideração dispensada ao seu consocio, offerrou-lhe hontem a directoria da *Varina* no Palacio de Crystal um jantar intimo, a que assistiram vinte convivas, no numero dos quaes se contavam os nossos amigos Dr. Antonio dos Santos Sobreira, Roberto Vieira de Castro e Antonio Pinto Lopes Palavra. Este jantar começando ás 7 horas da tarde, terminou cerca da meia noite.

Que seja muito feliz na sua viagem, são os nossos sinceros votos.

Notas a lapis

Regressou terça-feira da capital o nosso estimado amigo Belmiro Ernesto Duarte Silva, brioso tenente do exercito ultramarino.

—Parte amanhã de manhã para o Algarve, onde tem alguma demora, o nosso apreciavel amigo e brilhante poeta, Antonio Valente.

Feliz viagem.
—Quasi restabelecida, partiu ha dias para Albergaria a sr.ª D. Gracinda Augusta Marques dos Santos, digna professora d'instrução primaria d'esta villa.

—Chegou quarta-feira de Lisboa o nosso presado assignante e patriocio, snr. Francisco Lopes Pinto.

—Quasi restabelecido da doença que o impelliu a regressar de Manaus ao torrão natal, encontra-se no Furadouro a uso de banhos o snr. José Correia Lopes.

Vindimas

Já vão muito adiantadas as vindimas n'este concelho, onde a colheita de vinho este anno é abundante.

Publicações

— *Luiz de Camões* — Temos presente o tomo n.º II d'este valioso romance historico de Campos Junior, editado pela Empreza do «Seculo», de Lisboa.

— *O Conde de Monte Christo* — Aham-se em distribuição os fasciculos 14 e 15 d'esta bella obra de Alexandre Dumas, editada pela *Lisbonense*, empreza de publicações economicas, de Lisboa.

— *Encyclopedia das familias* — Com o n.º 205, que acabamos de receber, entrou no 18.º anno da sua publicação esta utilissima revista d'educação e ensino, pelo que apresentamos á respectiva empreza editora as nossas saudações, appetecendo-lhe um futuro largo e prospero.

— *Publicação util* — A Bibliotheca Popular de Legislação, com séde na rua de S. Mamede, 107, Lisboa, acaba de editar, n'um pequeno volume, a Organização das associações de classes; Fiscalisação das aguas potaveis; Hospitalisação de enfermos no hospital Real de S. José e annexos — Hospital de alienados (Rilhafolles) — Real instituto bacteriologico Camara Pestana — Instituto de ophtalmologia de Lisboa — Hospital de alienados do Conde de Ferreira (Porto); e as leis sobre syndicatos agricolas e fiscalisação das sociedades anonymas, sendo o seu custo 150 réis.

No prélo: — Regulamentação do sello fiscal nos lenços de tecido de sêla pura ou mixta: e legislação sobre expropriações e arrematações dos fóros da fazenda nacional, e conventos de religiosas.

Methodo para aprender a tocar Bandolim sem o auxilio da musica e do mestre por 400 réis!! — Este livrinho habilmente coordenado por Adolpho Alves Rente, contém, além de toda a demonstração do instrumento, as peças recreativas *Ave-Maria*, de Gounod, *Serenata da opera Cavallaria Rusticana* e o *Intermezzo* da mesma opera., etc, etc. Está á venda em todas as livrarias e no deposito, livraria de Francisco Romero, rua de S Paulo, 192, Lisboa.

CHRONICA

E vá a gente escrever coisas alegres, desopilantes, mesmo ligeiras, quando se nos inocula uma tristeza e fallencia de ideias que fariam chorar um morto.

Não vejo, ha muito, a minha terra tão ao nivel da sem-aboria.

E' um cemiterio. Cruzes!
As ruas da villa desertas, em plenas tardes, — n'estas tardes de chuva, de sol e de vento, duvidosas, — inclusivé o Chiado. Esse até.

De noite, então, nem viv'alma.
Debandou tudo, é o que é, para as thermas, para as praias, para os campos, afim de descançar das fadigas de onze mezes. Pois sim...

Geralmente, veraneia quem tem dinheiro, quem é rico ou mesmo remediado; e quem está n'estas abençoadas condições, não trabalha, não se cança.

Trêtas, presado leitor; historias, minha senhora.

Para mim, veraneiar, é cançar-se a gente em divertir-se. Ora, se é...

Podesse eu fazel-o todos os annos, e mesmo v. ex.ª, a admittir que v. ex.ª seja uma senhora do bom tom, de fino gosto e de apurado trato, mas pobre, pobre como eu e como essa chusma de *depennados* que assola o Universo!

De maneira que vinha eu dizen-

do... ah! sim, que Ovar está um verdadeiro deserto.

Os actuaes frequentadores da Havana, do Cerveira, do Ernesto e do Carlos, são... as moscas!

Já o mesmo não acontece, presentemente, na nossa praia.

Venha v. ex.ª ao Furadouro, sem cerimonia, á vontade, mas decente, jaquetão leve, botas de chibró amarello, ou mesmo côr de cinza, que é bonito, que é chic, que está na moda; porém, traga á cautella, a capa, o sobretudo ou o varino.

Verá como gosta, como fica preso e encantado.

Venha sem receio de empregar mal o tostãoito com que embolsará o Bento, o Manoel, que lá o conduz, commodamente, no seu macio e luxoso carrinho.

Ora venha.
Aventuro-me a affiançar que aquella praia é a Figueira da Foz situada ao norte do meu paiz. E'.

A animação é grande e constante. Mesmo de noite, ou sobretudo, de noite.

Pena foi que os primeiros dias da semana finda se apresentassem carancudos, chuvosos e algo frios.

O tempo é incomprehensivel. Tal e qual como a mulher com o devido respeito a v. ex.ª e a todas as demais senhoras que me lêem.

O Furadouro é um paraizo, mórmente aos domingos.

Ha musica de tarde, bazar de lindissimas prendas iniciado pela Associação dos Bombeiros de cá e para beneficio da mesma;—e... muitos mais divertimentos, muitos.

A' noite, descantes pelas ruas, do povo visinho, um povo que tem por riqueza e por felicidade suprema e unica, a alegria que eu lhe invejo. E talvez a saude.

Eu nunca mais a tive radical, depois que me dei á tollice de contemplar a lua, e querer traçar com firmeza e brilho os seus encantos e seducções no livro immaculado da minha alma.

Nunca mais logrei saude, aquella saude robusta e sã d'aquelles tempos, ha pouco idos, quando em vez de me curvar, admirado, boquiaberto e extatico, á lua, curvava-me tão sómente ao deslumbramento do teu olhar magnetico e faiscante—ó pallida feiticeira do Douro!

Ora como *estou de lua* o que é raro acontecer, é-me licito fallar da lua outra vez.

Apparece cêlo, apóz cahe o manto da noite.

Por isso e pela temperatura quasi sempre amena ou supportavel, a rua principal da praia, espaçosa, larga, uma perfeita avenida, povôa-se de banhistas, a fina flôr, em passeios vagarosos, saborosos, deliciosos, luminosos...

Para maior extase, vá-se á Assembleia. Vá quem de direito. Lá tenho ido. Mas quer v. ex.ª saber? ás notas expressivas e agradaveis do piano e ao entretenimento de uma valsa ou quadrilha, eu prefiro o goso de um passeio, estrada fóra por estas noites de um luar tão limpido, e claro.

E no entanto, espartilha-se-me a alma ao lembrar-me do inverno que vem perto.

Custar-me-hia supportar os seus rigores se a elles se não oppozessem as chammas do teu affecto—ó pallida feiticeira do Douro!

Jayme.

Secção Litteraria

12 - Setembro - 1871

(Continuação)

Esposos! «outros serão mais vivos, mais pittorescos até, poucos lograrão vencel-o na observação esculpida, na moralidade dos quadros, na doçura dos assumptos e finalmente no desenvolvimento dramático»; quereis vêr!! lêde *A andorinha ferida*:

«O' companheiras
De horas felizes,
A outros paizes
Passaes sem mim?
Sob os rigores
Do triste outomno
Ao abandono
Deixaes-me assim?!

«Tu, doce amiga,
Fiel esposa,
Nem tu saudosa,
Vens ter aqui?...
Mas vae, que o inverno
Tardar não deve;
Fugi da neve,
Irmãs, fugi!

Ide a esse clima
Que vos espera;
Na primavera
Regressareis:
Voltando á sombra
D'esta verdura,
A desventura
Me chorareis».

Calou-se. Eis subito
Trazem-lhe os ventos
Debeis lamentos
De triste voz:
Ouve-os, levanta-se,
A dôr esquece;
Canta... emmudece,
E morre após.

Eis que da moita
D'ali visinha
Uma andorinha,
Gemendo, sahe;
Ao vêr do esposo
A triste sorte,
Tambem da morte
Ferida cahe.

E sobre os mares
O alado bando
Vae demandando
Outro paiz
E cêdo a neve
Do frio inverno
Esconde o terno,
Par infeliz.

Nos seus romances, «as mulheres que sonhava umas meigas, suaves, ternas, outras exaltadas pelo amor maternal todas movidas por sentimento nobre, captando a sympathia» foram aqui estudadas em Ovar.

Ignora-se! mas é necessario que se restabeleça a verdade, de que foi aqui, na nossa terra, que, Guilherme Coelho (Julio Diniz), fez conhecimento com os personagens das suas interessantissimas novellas que o haviam de fazer sobreviver a elle proprio.

Alguem mais auctorizado do que nós o poderia dizer...

Em ultimo lugar vós que sois afetos aos campos de Parnaso para que possaes ficar a contemplar socegradamente:

Calae-vos inquietos anhelos d'um peito,
Que muito receia por muito querer;
Calae-vos esperanças com que me deleito
Nas horas mais gratas d'um triste viver.

E agora vós todos, que me lêste, dizei-me, emquanto aqui desfolho, com viva saudade e cheio de admiração, algumas pobres e tristes flores ainda poupadas pela vigorosa estação do outomno que nos roubou ha trinta e tres annos Guilherme Coelho (Julio Diniz) se elle terá escripto:

vejo em torno a mim
A terra humida e fria,
Do cemiterio as vallas
E o esquecimento emfim

no desalento d'algumas das pneumo-hemorrhagias que o havia de matar, ou se terá sido a percepção da vida do futuro que o obrigou a dizer:

vejo em torno a mim
A terra humida e fria,
Do cemiterio as vallas
E o esquecimento emfim.

11-setembro-1904.

Julio Soares.

Nota da redacção: Não podemos, embora tal missão nos fosse assáz agradável, annuir aos desejos manifestados pelo nosso illustre collaborador, Julio Soares, no *post-scriptum* do seu artigo, dirigido á redacção d'este semanario, porquanto não conhecemos o ex.^{mo} snr. Pinto Coelho, a que se refere, e que diz ser parente do saudoso Guilherme Coelho, seu dedicado enfermeiro, valioso auxiliar e cooperador quando elle, já ferido de morte, revia as suas provas.

Creemos mesmo haver equívoco n'esta asserção; pois, a ser verdadeira, a sua existencia actual em Ovar, de melhor grado prestaríamos as columnas do nosso semanario á reproducção das relações existentes entre as obras do grandioso escriptor e inexcedível romancista e a terra que nos foi berço, em prôl de quem tanto havemos luctado. E para o conseguir envidaríamos o melhor da nossa boa vontade e dos nossos esforços.

Aos meus bons e sympathicos condiscipulos

Na festa de despedida

Mais um sonho que foge, uma chimera
Tão linda como um riso de creança
Que vae partir em timida galera
Per esse mar em que sorri a esperança.

Teremos hora a hora, no caminho
Da mesma crença e mesmas illusões,
Um laço que nos prende no carinho
Bom e simples dos vossos corações.

Vivemos tanto tempo a mesma vida
De alegria e de incerteza a rodos,
Que de nós um qualquer na despedida
Leva parte da vida de nós todos.

E á força de sentirmos a alegria
Ou tristeza que algum experimentou,
Trocamos mutuamente sympathia
Que qualquer de nós de cada um ganhou,

Mais um adeus, na alegria intensa
E na dôr que escondes e se adivinha,
Da vossa festa, que é tambem minha,
Guardarei de vós uma saudade immensa.

Coimbra, 31-VII-1904.

Domitilla de Carvalho.

CHRONICA DE S. VICENTE

Estamos no tempo das praias, não ha que vêr. Raro é o dia em que por sob a janella do meu quarto de trabalho, não passem caravanas de serraninhas e serranas, de olhos bo-galhudos, rostos queimados pelos raios ardentes do sol de verão, de saias muito puxadas, saias grossas, de paratudo e cerguilha, conduzindo carros de bois, em que n'um péle-méle extravagante se vêem as cousas mais necessarias á vida da praia — molhos de lenha miuda e molhos de carqueja, enxergões á antiga portugueza, muito compridos, d'estopa cinzenta, a vomitar palha por todas as costuras, fochas de colmo e umas caixitas de pinho, é a bagagem uzeira da gente que das eminencias da

serra descem a arremessar no tonico do oceano o seu corpo chlorotico.

Aquellas gentis do sol nascente, parece-me que por tradição immemoravel e uzança d'avoengos remotissimos fazem consistir no mar a panacea efficacissima para estancar todas as doencas e reparar todos os males.

E' o mar a pharmacia onde ha remedio infallivel para todas as enfermidades e com esta fé inabalavel abalam das suas terras, deixam as commodidades da sua casa e vem todos os annos em peregrinação até ao mar, que por força tem de ser o seu verdadeiro medico.

A' hora do banho são dignas de vêr-se. Não querem barraca por amor á economia, e com o mesmo fim a revezes tambem não querem banheiro.

Sahem de casa já vestidas como hão de ir para o banho. Ordinariamente é uma saia de tomentos preza na cintura por um atilho qualquer, e uma blusa de zuarte, ou de riscado.

Tomado o banho o que muitasvezes é origem de estrepitosas gargalhadas e razão para que a bordamar se coalhe de espectadores, fazem o seu *toilette* detraz das barracas, ao ar livre, ou então detraz d'um descommunal guarda-chuva, d'armas de baleia; de que se fazem acompanhar para tal fim.

Empós regressam a casa. Põem a pucarinha ao lume, onde fervem as suas magras migas — agua, cebola, e um nacosito de unto — crú — deitam-lhes umas codeasitas de borra, feita ha uns bons quinze dias, ingerem este indigesto almoço, e em seguida vão passeial-o pelas areias e apanhar conchas e pedras do mar, unicas lembranças que levam para os seus, alguns dos quaes fazem ideia approximada do que seja o mar, como verdadeiros presentes e recordações da sua estada a uso de banhos.

Não devemos levar a mal as suas opiniões, porque estas devem acatar-se.

Est'anno, quiçá devido á prolongada sequeira que fez á escassez de milho, não é tão numerosa a concorrência de serranas para a praia, pelo menos aqui á minha janella de trabalho tem passado muito menos *habitués*.

O mal de lá é o mesmo de cá, que tem feito com que muita gente boa os tome aqui, ao pé do lareiro.

—A chuva dos ultimos dias veio causar um enorme alegrão aos nossos lavradores, que não tem perdido tempo em semear os nabaes e as hervas.

—Vão adeantadas as vindimas.

Em algumas partes a abundancia tem sido verdadeiramente extraordinaria, e em todas a qualidade é excellente.

Alegrem-se, pois, todos os amadores do bom vinho, que est'anno vão beber boa pinga e em bom preço. Tambem já era tempo.

—Esteve entre nós, de visita aos nossos queridos e prestantes amigos, snrs. Alves da Cruz, acompanhado de sua virtuosa esposa e galante filha, o ex.^{mo} snr. Guilherme Pereira Barbedo, zeloso escriptor notario na comarca de Sinfaes, e importante proprietario.

—Os amigos do alheio penetraram na propriedade do nosso bondoso amigo rev. Antonio Ferreira, da Tenda Nova de Cucujães e furtoaram-lhe uma grande quantidade de uvas e estragaram-lhe algumas videiras. Parece que se descobrirá os meliantes para lhes não demorem a paga dos seus serviços. Oxalá que assim aconteça para que os vanda-

los saibam que ainda ha justiça na terra portugueza.

—Por carta recebida do Gerez sabemos que passa consideravelmente melhor dos seus pertinazes incommodos o nosso sympathico amigo e illustre filho d'esta terra, snr. José Francisco Herdeiro. Fazeremos votos ao céu para que as suas melhoras se accentuem de vez, e que em breve regresse ao seio dos seus e dos amigos completamente restabelecido.

—Por carta recebida de Manaus tambem sabemos que está de perfeita saude o nosso excellentissimo amigo snr. Joaquim Alves da Cruz, extremo irmão dos snrs. Antonio e Manoel Alves da Cruz, d'aqui.

Esta noticia encheu-nos de satisfação, porquanto o snr. Joaquim Alves da Cruz merece-nos muita sympathia e muito respeito pelas brilhantes qualidades do seu character e pela bondade do seu coração generoso.

O nosso amigo diz na sua carta que a sua casa continúa fazendo jus á sympathia do publico, porque a concorrência tem augmentado e o negocio tem recrescido.

—Voltou o bom tempo. A' hora em que escrevo, o sol, pelas suas ardencias, faz lembrar-nos o sol d'agosto.

Ninguem.

Annuncios

Agradecimento

A familia da fallecida Luiza Ludovina Fonseca da Silveira, agradece a todas as pessoas que se dignaram cumprimental-a por occasião do fallecimento da mesma.

A todos confessa o seu eterno agradecimento.

Ovar, 16 de Setembro de 1904.

CEMITERIO

Augusto Duarte, encarregado pela Ex.^{ma} Camara da limpeza e reparação do cemiterio d'esta villa, avisa todas as pessoas que alli possuem sepulturas particulares, que se encarrega da limpeza, pintura e plantações das mesmas, mediante uma pequena remuneração.

Quem pretender, dirija-se á Rua da Graça, 11, loja.

JOSÉ LAMY

Medico

Vallega—Proximo da Igreja

Dá consultas, ás quintas-feiras, em S. Vicente, no logar da Torre; em Vallega, consultas diarias, sendo gratuitas aos pobres. Chamadas a qualquer hora.

MOGNO

D'esta excellente madeira vendem-se tres grossas vigas com 5 metros de comprimento cada uma e algumas pranchas de faia.

Para tratar com Antonio Augusto Fragateiro, na rua das Ribas.

HORARIO DOS COMBOIOS

Desde 1 de junho de 1904

DO PORTO A OVAR E AVEIRO
e vice-versa

	HORAS			Natureza dos comboios
	S. Bento	Ovar	Aveiro	
MANHÃ	P.	Ch.	Ch.	Tramway Omnibus Tramway Tramway Mixto
	12,31	2,16	—	
	4,35	6	6,50	
	7,6	8,54	9,49	
	10,8	11,57	—	
	11	12,34	1,29	
TARDE	1,57	3,54	4,41	Mixto Rápido Tramway Tramway Correio
	4,4	—	5,27	
	4,27	6,33	—	
	6,51	8,37	9,33	
	8	9,21	9,57	

DE AVEIRO E OVAR AO PORTO

	HORAS			Natureza dos comboios
	Aveiro	Ovar	S. Bento	
MANHÃ	P.	P.	Ch.	Tramway Correio Tramway Mixto Tramway
	9,55	4,54	6,39	
	5,21	5,59	7,20	
	—	7,30	9,17	
	9	9,52	11,34	
	10,15	11,14	12,58	
TARDE	—	2,10	3,56	Tramway Tramway Tramway Mixto Rápido
	4,44	5,50	7,45	
	—	7,50	9,39	
	8,43	10,6	12,34	
	10,25	—	11,50	

Antiga Casa Bertrand

DE
JOSÉ BASTOS

73 e 75—R. Garrett—73 e 75

—LISBOA—

O Rabbi da Galiléa

Sensacional romance popular
sobre a vida de Jesus

ORIGINAL DE

Augusto de Lacerda

ILLUSTRADO

Com numerosas gravuras

Caderneta mensal 300 réis

Historia Socialista

(1789-1900)

Sob a direcção de Jean Jaurés

Cada caderneta semanal, de 2 folhas de 8 paginas cada uma, grande formato, com 2 esplendidas gravuras, pelo menos.—40 réis.

Cada tomo mensal de 10 folhas de 8 paginas cada uma, grande formato, com 10 esplendidas gravuras, pelo menos.—200 réis.

ALMA PORTUGUEZA

A RESTAURAÇÃO DE PORTUGAL

Grande romance historico

DE

Faustino da Fonseca

com illustrações

de Manoel de Macedo e Roque Gameiro

Cada tomo mensal, 200 réis

LIVRARIA EDITORA

Guimarães Libanio & C.^a

108, Rua de S. Roque, 110

—LISBOA—

A RAINHA SANTA

(D. Isabel d'Aragão)

GRANDE ROMANCE HISTORICO

ILLUSTRADO

Com esplendidas gravuras e chromos

Cadernetas semanaes de 24 pag., 60 réis
Tomos mensaes de 120 paginas, 300 réis

EL-REI D. MIGUEL

Romance historico

DE

FAUSTINO DA FONSECA

Profusamente illustrado

Fasciculos semanaes de 16 pag., 40 réis
Tomos mensaes de 80 paginas, 200 réis

Tratado completo

de cosinha e copa

POR

Carlos Bento da Maia

AUCTOR DOS

«Elementos da arte culinaria»

Fasciculo de 16 pag. illustrado 40 réis
Tomo de 80 paginas illustrado 200 réis

PARA CRIANÇAS

Publicação mensal

Collecção de contos publicados

sob a direcção da illustre escriptora

D. Anna de Castro Osorio

Cada folheto illustrado 60 réis

Cada volume 400 réis

A LISBONENSE

Empreza de publicações economicas

35, Trav. do Forno, 35

LISBOA

O Conde de Monte-Christo

Monumental romance de

ALEXANDRE DUMAS

Edição luxuosamente illustrada

Fasciculo de 16 paginas. . . 30 réis
Tomo de 80 paginas. . . 150 réisA empreza offerece, por
brinde, uma photographia do
proprio assignante ou de pes-
soa de sua familia em grande
formato, proprio para sala.

EMPRESA DO ATLAS

DE

GEOGRAPHIA UNIVERSAL

Rua da Boa-Vista, 62-1.º

LISBOA

ATLAS

DE

PORTUGAL E COLONIAS

PUBLICAÇÃO MENSAL

Cada fasciculo com um mappa, 150 réis

DANIEL DEFOE

VIDA E AVENTURAS ADMIRAVEIS

DE

ROBINSON CRUSOÉ

VERSAO LIVRE DO DR. A. DE SOTTOMAYOR

Cada fasciculo. . . . 50 réis

EMPRESA

DA

Historia de Portugal

SOCIEDADE EDITORA

Livraria Moderna — 95, Rua Augusta, 95

A. E. BREHM

MARAVILHAS DA NATUREZA

(O HOMEM E OS ANIMAES)

Descripção popular das raças huma-
nas e do reino animal, edição portugue-
za larguissimamente illustrada.60 réis cada fasciculo mensal e 300
réis cada tomo mensal. Assignatura per-
manente na sede da empreza.

BIBLIOTHECA ILLUSTRADA D'«O SEculo»

—LISBOA—

LUIZ DE CAMÕES

Grande romance historico

POR

ANTONIO DE CAMPOS JUNIOR

—2.ª EDIÇÃO—

Illustrada com nume-
rosas gravuras e cui-
dadosamente revista e
ampliada pelo auctor.

Uma caderneta por semana . 60 réis

Um tomo por mez 300 réis

BIBLIOTHECA SOCIAL OPERARIA

Rua de S. Luiz, 62

LISBOA

A Rapariga Martyr

GRANDE ROMANCE

DE

Emilio Richebourg

Ornado de chromos e gravuras

Cada fasciculo de 16 paginas. 30 réis

Cada tomo 150 réis

LIVRARIA AILLAUD

Rua do Ouro, 242, 1.º—LISBOA

IN ILLO TEMPORE

—2.ª EDIÇÃO—

Lentes, estudantes e futricas

(Scenas da vida de Coimbra)

POR

TRINDADE COELHO

Um grosso volume de luxo
Preço 800 réis—pelo correio 870 réis

LIVRARIA CENTRAL

DE

Gomes de Carvalho, editor

158, Rua da Prata, 160

LISBOA

Ultimas publicações:

Casal do caruncho.—Contos por Eduar-
do Perez. 1 volume illustrado com 42
soberbos desenhos de José Leite—
600 réis.Sem passar a fronteira.—Viagens e di-
gressões pelo interior do paiz, por
Alberto Pimentel. 1 volume de 350
paginas.—500 réis.Tuberculose social.—Critica dos mais
evidentes e perniciosos males da nossa
sociedade, por Alfredo Gallis.I. Os Chibos.—II. Os predestinados—
III. Mulheres Perdidas—IV. Os De-
cadentes—V. Malucos?—VI. Os Po-
liticos—VII. Saphicas.—Cada volu-
me 500 réis.Ensaio de propaganda e critica, pe-
lo dr. João de Menezes.—I. A nova
phase do socialismo. 1 vol. 200 réis.A giria portugueza.—Esboço de um
dicionario de calão, por Alberto Bes-
sa, com prefacio do dr. Theophilo
Braga.—1 vol. br. 500, enc. 700 réis.O sol do Jordão.—Versos por Albino
Forjaz de Sampayo.—1 vol. 200 rs.A Mulher de Luto.—Processo ruidoso
e singular. Poema de Gomes Leal,
500 réis.

A Morte de Christo.

Os Exploradores da Lua, por H. G.
Wells. 1 vol. 600 réis.Arvore do Natal.—Contos para crean-
ças, por Lazuarte de Mendonça, 200
réis.O que é a religião? por Leon Tolstol,
200 réis.EDITORES—BELEM & C.^a

R. Marechal Saldanha, 26

O AMOR FATAL

Romance historico por
D. JULIAN CASTELLANOSCaderneta semanal de 16 paginas, 20
réis e de 32 paginas, 40 réis.

Cada tomo mensal em brochura, 200 rs.

Empreza da Bibliotheca de Livros Uteis

Rua do Conselheiro Arantes Pedroso, 25

LISBOA

DICCIONARIO

DE

MEDICINA PRATICA

Cada fasciculo, 50 réis